

HÉRACLES, UM HERÓI-DEUS

HERACLE, A DIVINE HERO

Vagner Carneiro Porto*

Resumo

O presente artigo tem a intenção principal de trazer ao leitor um debate existente sobre a ambiguidade do culto de Héracles: como herói e como deus. Assim, desde Píndaro, Héracles é tido como um (*Hērōs theós*), ou seja, um herói-deus. Procuraremos discutir um pouco sobre esta figura emblemática da mitologia e religião grega, seus dissabores enquanto humano dada a perseguição de Hera até sua apoteose rumo ao Olimpo. Dos doze famosos trabalhos, concentraremos nossas atenções no trabalho que envolve a captura dos bois de Géron e a contenda com este; e por fim, será apresentada sua presença na Sicília

Palavras-chave: Héracles. Herói-deus. Géron. Sicília.

Abstract

This article has the main intention of bringing to the reader an existing debate on the ambiguity of the worship of Heracles: as hero and as god. Thus, since Pindar, Heracles is considered as a (*Hērōs theós*), that is, a hero-god. We will try to discuss a little about this emblematic figure of Greek mythology and religion, its displeasures as a human given the persecution of Hera until her apotheosis to Olympus. Of the twelve famous works, we shall concentrate our attention on the work, which involves the capture of the oxen of Géron and the strife with it; and finally, will be presented his presence in Sicily.

Keywords: Heracles. Hero-god. Géron, Sicily.

Considerações iniciais

Há algum tempo tenho sentido uma forte vontade de publicar o conteúdo que desenvolvi em minha dissertação de mestrado intitulada *Subsídios para o estudo do culto de Héracles na Sicília: uma análise da iconografia monetária*, defendida por mim em meados de 2001. Ao contrário do que se espera de um jovem acadêmico das humanidades nos dias de hoje, àquela época, ainda não

* Professor de Arqueologia Mediterrânea do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Co-coordenador do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP).

existia a prática comum em se publicar dissertações de mestrado ou mesmo artigos científicos em tão tenra idade, ou se preferir, imaturidade acadêmica.

Sempre gostei de minha pesquisa envolvendo a figura de Hércules, importante herói-deus (*Hērōs theós*) grego e sua presença nas moedas produzidas nas cidades da Sicília antiga. As considerações elogiosas da banca naquela ocasião também fortalecem esta minha vontade de publicar este conteúdo.

A oportunidade não poderia deixar de surgir em momento e local mais apropriados: O periódico *Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino*, publicação do Núcleo de História Social e Práticas de Ensino da UNEB abre-me esta possibilidade e com isso apresento, nas breves linhas que seguem, uma adaptação daquilo que fora a introdução e o primeiro capítulo da referida dissertação e ao mesmo tempo uma tentativa de atualização do debate acerca do tema.

Aqui teremos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre esta figura emblemática da mitologia e religião grega; conhecer um pouco mais sobre quem foi e como foi a vida de Hércules; sua ascensão à esfera divina; o trabalho com os bois de Gérion e sua presença na Sicília.

Hércules na religião grega

Hércules nasceu do enlace de Alcmena (neta de Perseu com Andrômeda) com Zeus (o senhor dos deuses olímpicos). Com menos de um ano de idade já era personagem de gestas de herói: distinguiu-se do irmão Íficles (filho de pai mortal, Anfitrião) por enfrentar duas serpentes enviadas pela ira de Hera, matando-as por estrangulamento. Ora, Hera jamais aceitara as furtivas ausências de seu marido, o qual valia-se de seus poderes para seduzir as mulheres mortais. Ao descobrir que Hércules era fruto da traição de Zeus, e depois de flagrar a ação de seu marido que havia levado o pequeno Hércules para tomar de seu leite de sorte a torná-lo imortal ainda que ilegítimamente, Hera quis, por todos os meios, aniquilá-lo, pondo fim à vergonha que sentia e castigando a todos pela imperdoável traição.

Na mesma proporção que crescia em tamanho e força, ficava evidente em Hércules o comportamento intempestivo e descontrolado que o acompanharia

em muitas ocasiões de sua vida.

É justamente durante o ciclo dos doze trabalhos: o leão de Nemeia, a hidra de Lerna, o javali de Erimanto, a corça de Cerineia, os pássaros do lago Estínfalo, as cavaliças do Rei Augias, o touro de Creta, as éguas de Diomedes, o cinto da rainha Hipólita, os bois de Gérion, o cão Cérbero, as maçãs de ouro das Hespérides, que se fortalece e se consolida a imagem heroica de Héracles¹. Contudo, não foi objetivo da pesquisa de mestrado e tampouco é objetivo neste artigo explanar cada um desses trabalhos, pois que nossa proposta é completamente outra. Nos ateremos neste texto a um dos trabalhos de Héracles que se encontra diretamente relacionado à Sicília: a captura dos bois de Gérion². A principal fonte da qual retiramos preciosas informações sobre essa aventura vivida por Héracles e a sua passagem pela Sicília é o texto deixado por Diodoro Sículo, principalmente em seus livros III e IV.

Os feitos de Héracles relacionam-se a diversas questões, e uma delas é a presença marcante dos animais na vida do herói. O leão, o javali, a serpente, e animais ferozes, são capturados, da mesma forma que a corça e o boi são levados aos homens para servirem de alimento. Segundo Walter Burkert, esta forte relação de Héracles com os animais pode sugerir uma ligação de seu culto com um contexto que remonta a uma época bem anterior; em suas próprias palavras:

O núcleo do complexo de Hércules deve ser consideravelmente mais antigo ainda: a captura e oferta de animais comestíveis aponta para a cultura dos caçadores, e a relação com o além expressa na aquisição do gado solar, na Ilha Vermelha, nos cavalos antropófagos, faz parte da magia xamanística dos caçadores, com a qual parecem estar relacionadas também as pinturas das cavernas que remontam ao início do Paleolítico. Alcançar a terra dos mortos e dos deuses é a função do xamã: Hércules captura o cão de Hades, Cérbero, e o traz do mundo subterrâneo (BURKERT, 1993, p. 406-407).

¹ Brandão, 1990, vol, III: 89-147; Delcourt, 1942: 118; e Kerényi, 1979: 98, abordam também a origem do nome Héracles vinculado a Hera, e seu casamento com Hebe.

² Ribeiro Jr nos informa que Gérion (gr. Γηρυών) era um gigante de três cabeças e corpo triplo, possuidor de enormes rebanhos de bois "vermelhos". Viviu na mítica ilha de Eritia, situada no fim do rio Oceano que envolvia o mundo (possivelmente perto de Cádiz, no sul da Espanha). Era filho de Crisaor e da oceânide Calíroe, e, da parte de Crisaor, neto de Posídon e da Medusa (Ribeiro Jr, W.A. *Os bois de Gérion*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greciantiga.org/arquivo.asp?num=0039. Consulta: 05/01/2019.

A análise da relação de Hércules com os animais, pode também, por outro lado, levar-nos à questão do roubo de rebanhos. Por ordem de Euristeu, Hércules teria de apossar-se dos bois de Gérion, tarefa nada fácil, pelo contrário, somente um verdadeiro herói poderia fazer tal gesta. E Hércules o fez. A razão que levou o filho de Zeus a realizar este ato é ainda motivo de polêmica entre os estudiosos, pois, o que levaria tão poderoso homem a submeter-se às mais duras e constrangedoras ordens do rei de Micenas? Pela versão mais aceita, Hércules teria se dirigido ao Oráculo de Delfos a fim de pedir a Apolo que lhe indicasse o caminho da purificação, pois Hera, pelos motivos já mencionados acima, e querendo vingar-se do herói, lançou-lhe a raiva, o furor que juntos com a demência enlouqueceram-no por completo. Então, num acesso de insanidade, matou seus próprios filhos e ao terminar, investiu contra os dois filhos de Íficles, matando-os. Somente Mégara e Iolau conseguiram escapar graças à rápida ação de Íficles. Foi assim que por ordem da Pítia, Hércules colocou-se a serviço de Euristeu e, em recompensa, por ordem de Apoio e Atena o herói conseguiria a imortalidade.

Uma das variantes relata que Hércules, desejando retomar a Argos, pediu para Euristeu que lho concedesse; este aceitou mediante libertação do mundo de determinados monstros. Outra versão - retomada pelo poeta da época alexandrina, Diotimo - apresenta Hércules como amante de Euristeu. Teria sido por mera complacência amorosa que o herói teria se submetido aos caprichos do amado, e que, como nos diz J. S. Brandão: "parece, aliás, uma ressonância tardia do discurso de Fedro no *Banquete* de Platão, 179" (BRANDÃO, 1990, p. 95-96).

Existe todo um sentido religioso e social no roubo do rebanho de Gérion efetuado por Hércules. Segundo Junito de Souza Brandão, a riqueza consistia mais em possuir grande quantidade de gado, do que possuir tesouros" (BRANDÃO, 1990, p. 111). A propósito desta discussão, Finley, apoiado nas fontes antigas, afirma que a questão do gado é muito importante na Grécia, pois já no período arcaico o gado sacrificial se revelava enquanto unidade de conta (FINLEY, 1972). Com efeito, Homero (*Ilíada*, 1,430-431), relata a presença do gado como uma unidade de conta e medida de valor relevante. Também é importante mencionar que o furto de rebanhos está associado igualmente a um

motivo religioso que é o casamento. Muitos são os heróis que se lançavam na empreita de roubar rebanhos com intuito de os trocar, depois, pela mão de suas jovens amadas. Estaria Héracles interessado em riquezas? Seria apenas para cumprir seu compromisso com Euristeu? Ou Héracles, com este ato, estaria dignificando ainda mais sua figura heroica? Como mesmo o diz Junito de Souza Brandão:

É preciso levar em conta, entretanto, que o rapto de mulheres e o furto de rebanhos, fatos em si mesmo reprováveis e reprovados pela sensibilidade moderna e certamente pelo classicismo grego, eram empreendimentos comuns e normais daquela época de formação dos mitos e espelhavam o hábito real de uma sociedade arcaica de guerreiros nômades. Desse modo, pode-se acreditar que esses roubos e raptos se constituíam, ao contrário, em gestas extraordinárias e dignas de um herói (BRANDÃO, 1990, p. 111-112).

A morte de Héracles e a possível relação deste episódio com as transformações sofridas por seu mito é outro aspecto fundamental para nossa compreensão do herói.

A figura deste que é o maior dos heróis gregos é totalmente lendária, pois nunca se encontrou qualquer vestígio de sua existência real. A vida de outros heróis gregos ficou marcada por referências à sua heroicização e a seu culto junto à sepultura; referências estas evidenciadas pelos escritores antigos tanto gregos quanto romanos, que dão um aspecto de realidade à existência destes heróis. Mas, no caso de Héracles, não existe nenhum relato desta natureza.

Um herói que a princípio assumia posturas violentas e desonrosas (como assassino dos próprios filhos) foi aos poucos mudando suas características até assumir um aspecto totalmente bondoso e virtuoso. Teria Héracles mudado? Ou será que Héracles foi, no fundo, mudado pela tradição literária/historiográfica? Na realidade, à medida que a sociedade grega se desenvolveu, diferentes tendências filosóficas apropriaram-se da imagem e do mito de Héracles para atender às novas necessidades. Segundo J. Brandão:

é deveras impressionante a multiplicidade de facetas que o herói assumiu no *lógos* filosófico e a propensão de sábios e intelectuais, desde os Órficos e Pitagóricos, passando pelos Sofistas, em anexar-lhe a figura como modelo exemplar, como *exemplar uirtutis* (BRANDÃO, 1990 p. 132).

Desse modo, a força bruta passou a ser um terreno inexplorado para o desenvolvimento desse modelo exemplar e já que

o herói escravizado e humilhado pelos prepotentes se tornou um deus, os moralistas viram no seu destino um símbolo da própria condição humana: a encarnação mesma da eficácia do sofrimento (BRANDÃO, 1990, p. 132-133).

Hércules, um herói que a princípio está totalmente voltado para a condição humana, para a "natureza", pouco a pouco se transforma num exemplo de grande virtude e de singularidade moral.

A hagiografia órfico-pitagórica transformara o mito de Hércules em um paradigma significativamente edificante bem antes que os Sofistas se apoderassem desse novo personagem, todo reflexão, sentado de forma meditativa nas encruzilhadas ou em locais solitários, este que se tornara o amante da música, o herói da ação energética da força moral, o justo fatigado e sofrido (BRANDÃO, 1990, p. 133).

Brandão nos informa que teria sido Pródico, sofista do século V a.C., autor de um apólogo "denominado na tradição latina *Hercules in biuio*, ou seja, "Hércules na Encruzilhada", a mostrar um herói novo, que, com uma constância invencível, sobrepujou todos os obstáculos, para tornar-se digno de uma glória imperecível (BRANDÃO, 1990).

E Brandão continua:

Pois bem, foi desse apólogo que se aproveitou Xenofonte para nos dar em seus "Απομνημονεύματα" (Apomnemoneúmata) - que o escritor latino Aulo Gélío traduziu por *Commentari*, "Memórias", Memoráveis", como querem outros - um retrato de corpo inteiro do novo Hércules, inteiramente retocado pelo pincel órfico-pitagórico. A alegoria se encontra no livro segundo, capítulo 1, 21-33 dos *Memoráveis*, quando do diálogo sobre a temperança ente Sócrates e Aristipo. Sentado num local solitário, Hércules adolescente pesa as vantagens e os inconvenientes, respectivamente, do caminho da "virtude" (*areté*) e daquele do "vício", (*kakía*). Dele se aproximam duas mulheres, que, pela estatura e porte, são hipóstases de duas deusas, cujos nomes são Areté e Kakía (...), cada uma defende sua causa diante do jovem em busca de uma diretriz para sua vida, que está começando (BRANDÃO, 1990, p. 134).

Neste sentido cria-se uma imagem de um Hércules que procura distanciar-se dos vícios, da miséria e da preguiça (*kakía*), e por outro lado, um

Héracles que se aproxima do mérito, do trabalho.

Por fim, a opção de Héracles está certamente relacionada com a escolha de Aquiles, morrer jovem, mas gloriosamente, ou morrer idoso, como qualquer mortal, tema favorito das escolas atenienses do século V a.C., em que a *Areté* e *Kakía* se dava o sentido tradicional de bravura e covardia (BRANDÃO, 1990, p. 134).

Brandão nos lembra que uma coisa, todavia, é definitiva: bem distante dos Órficos-Pitagóricos e dos Sofistas, baloiçando, como convinha a um herói de seu porte, entre dois polos antagônicos, o herói fez sua escolha e preferiu o que o mito lhe oferecia, uma vida de trabalhos e dores, mas também de prazeres e desregramentos. Contudo, reinterpretando, porém, à maneira órfico-pitagórica, as façanhas do herói numa perspectiva moralizante, que superlativava o esforço, Pródigo construiu um Héracles edificante, fazendo esquecer as representações amorais do herói (BRANDÃO, 1990). Todavia, é importante mencionar que todo esse processo de adaptações que o mito de Héracles sofreu está fortemente ligado ao fim de sua etapa humana e ao sentido de sua relação com a esfera divina e sua passagem para o estatuto de deus.

Existe um simbolismo muito forte na morte de Héracles atirando-se na pira: ao mesmo passo que ela representa a negação da mortalidade, a pira revela o caminho para se penetrar no Olimpo e adquirir, assim, a vida eterna. Burkert trata do tema, assinalando a ascensão de Héracles até os deuses através das chamas. Apresenta, ainda, pinturas de vasos que o mostram sobre uma pira elevando-se para a céu (Fig. 1)³.

³ Numa pélica em Munique, 2360. ARV₂, 1186, nº. 30; Cook, III. 514, cf. 513 e 516. Conforme Burkert, 1993: 408.

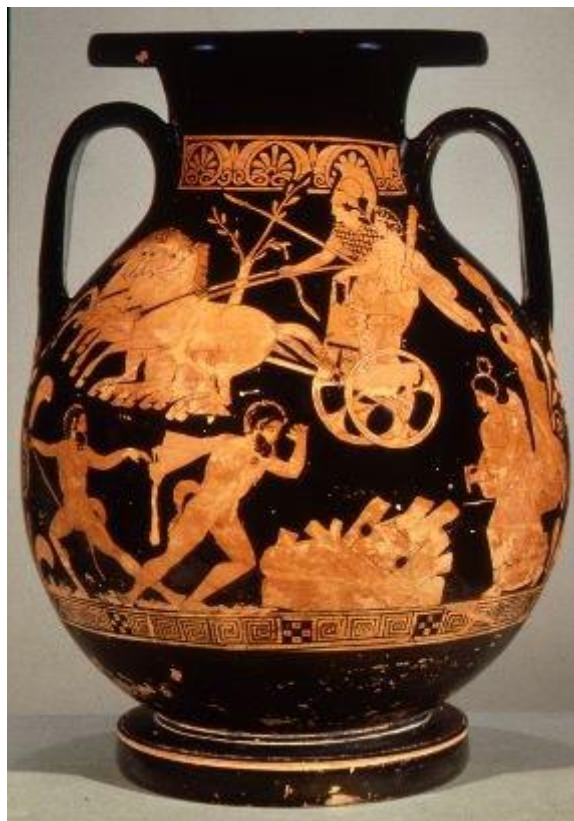


Fig. 1. A apoteose de Hércules. Pélica ática de figuras vermelhas atribuída ao Pintor de Cadmos. Data: c. 410 a.C. Munique, Staatliche Antikensammlungen. No registro inferior, os sátiros observam o corpo terreno (ou componente humano) de Hércules na pira que o consumiu. No registro superior, o componente divino de Hércules é levado para o Olimpo na quadriga conduzida pela deusa Atena, sua meia-irmã. O herói tem aspecto jovem (representado sem barba) e carrega sua tradicional clava. Fonte: RIBEIRO JR., W.A. *A apoteose de Hércules*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greciantiga.org/img.asp?num=0777. Consulta: 22/02/2019

A propósito, foi justamente através de sua morte pela pira, ardendo em meio às chamas, que Hércules conseguiu a aceitação materna de Hera. Livre, agora, das impurezas humanas graças ao fogo, e tendo sido admitido entre os deuses, simulou-se um novo nascimento do herói, desta vez de Hera, sua nova mãe imortal. Restava, apenas, o casamento com Hebe, a deusa da juventude eterna, para que assim houvesse a ratificação deste novo ser imortal. A propósito, de acordo com Susan Woodford são três os pontos de associação entre Hércules e a juventude: 1° o já referido casamento com Hebe; 2° Hércules conferiu a lolau a juventude por lutar a favor dos Heráclidas; e 3° foi cultuado pelos efébos, e junto com Hermes, era o deus do *Gymnasium* (WOODFORD, 1971).

Hércules alcançou a imortalidade, quebrando a barreira que separa o mundo terrestre do mundo celestial. Sua morte na pira, além de elevá-lo ao

Olimpo, permite-nos discutir seu culto enquanto herói e enquanto deus.

Héracles, Herói-deus (*Hērôs theós*) e sua presença na Sicília

Os gregos acreditavam que os heróis eram homens que tinham vivido outrora, estavam mortos, tinham sido enterrados e abrigavam-se dentro de seu túmulo no local onde o veneravam (NILSSON, 1954). Se um camponês caísse doente, ele acreditava poder ter sido por ataque de um herói. De acordo com Nilsson, o herói era um homem morto que circulava em carne e osso, um retorno análogo àqueles que a crença popular evoca por toda parte. Contudo, este aspecto dos heróis ficava em segundo plano, pois na Grécia os heróis eram cultuados, geralmente, por ajudar as pessoas. Seu culto estava ligado à sua tumba, como seu poder a seus restos enterrados dentro da tumba. Essa é a razão pela qual seus ossos eram, às vezes, desenterrados e transferidos para outro lugar (NILSSON, 1954). O número de túmulos e de santuários dedicados aos heróis era considerável por todo o campo. Mais numerosos eram os anônimos ou aqueles que se chamavam: *oikista* (fundador). Os outros eram designados simplesmente pelo lugar onde se localizava seu culto. Nilsson afirma que os heróis eram úteis a quase todas as funções, o que explica porque os deuses secundários locais, muito insignificantes para serem computados como verdadeiros deuses, buscavam ser admitidos entre os heróis. Essa é a razão pela qual certos eruditos foram levados a considerar os heróis como os deuses degradados, ou "deuses particulares" (NILSSON, 1954, p. 32).

Héracles insere-se nesse contexto pois afinal, ele foi cultuado como um herói ou devemos considerar o lado divino de Héracles? A primeira questão referente ao culto de Héracles é descobrir se ele foi cultuado primeiro como um deus ou como um herói. Burkert menciona que não existe qualquer sepultura de Héracles, e tanto quanto as suas histórias eram conhecidas por toda a parte, o seu culto estava difundido por todo o mundo grego, e mesmo fora dele (BURKERT, 1993).

As fontes textuais nos colocam que tanto o culto heroico quanto o culto divino de Héracles conviviam no mundo grego ora rivalizando-se, ora complementando-se (Diodoro, *Biblioteca* IV 39 e 80, V 64 e VI; Estrabão, *Geografia* VIII 3 e 30; Heródoto, *História* II 44; e Pausânias, *Descrição da Grécia*

II 10, 6 e 7 e IX 5, 7 e 27). É mais comum, como Nilsson sugere, que, dos cultos locais muito pequenos que se tornaram ligados a Hércules, alguns foram cultos de deuses e outros cultos de heróis, assim, temos Hércules recebendo tanto adoração heroica quanto adoração divina (NILSSON, 1932, p. 205).

Hércules é, ao mesmo tempo, herói e deus, *Hērōs theós*, como diz Píndaro (*Nem.*, 3, 21). Também Heródoto e Pausânias fazem referência a este caráter dual de Hércules: "Na mesma festa faziam-se-lhe sacrifícios primeiro como herói e depois como deus" (Hdt., 2, 44 e Paus., 2, 10, 1). Vários são os desenvolvimentos de seu mito que o colocam em uma esfera humanizada, há os combates com seres fabulosos, no limiar do humano, com centauros, por um lado, com amazonas por outro. Aqui Hércules concorre com Teseu, assim como na domesticação do touro. Quando Hércules foi incluído no domínio da epopeia heroica, passaram a ser-lhe atribuídos feitos mais heroicos. Hércules já tinha saqueado Troia e subjugado também outras tribos e cidades, sobretudo, Eicalia (BURKERT, 1993, p. 407).

Emma Stafford afirma que o tema envolvendo Hércules como herói e deus ao mesmo tempo é bastante atual e busca entender em que medida esse dualismo é expresso no nível da adoração. Segundo a autora, houve um tempo em que ninguém duvidava de que a apoteose do herói fazia parte de um culto dual, com ritos não apenas divinos, mas também heroicos. Pesquisas recentes, especialmente as de Annie Verbanck-Piérard e Stella Georgoudi (VERBANCK-PIÉRARD E GEORGOUDI, 1989, p. 43–65), tendem a mostrar que a maioria das informações enfatizam apenas o lado divino de Hércules, e que não há evidências que apoiem a ideia de que o status ambíguo do *Hērōs theós* de Píndaro como vimos linhas acima se reflete em seu ritual (STAFFORD, 2005). Stafford discorre sobre o tema concluindo que não se pode generalizá-lo e que ambiguidades culturais de Hércules podem ser observadas em diversos locais da Grécia antiga como em Sicion, Tasos⁴, Mileto e Cós (STAFFORD, 2005).

Dentro desta discussão só que agora na Sicília, Diodoro Sículo também

⁴ Em tese de doutorado recentemente defendida, Juliana Figueira da Hora traz-nos importantes considerações sobre o culto de Hércules na ilha de Tasos. Com um imponente templo na cidade, o culto de Hércules se sobressai se comparado a outras divindades ali também cultuadas. Seu culto remonta ao período arcaico e sua representação se dá em diversos suportes arqueológicos espalhados por toda a cidade, como nas portas da cidade, na cerâmica ou moedas ali produzidas (Hora, 2018, páginas 54, 55, 134, 135 e 206). Ver também Pitz, 2016, p. 1-17.

faz uma importante consideração. De acordo com suas próprias palavras:

Depois disso, quando os companheiros de lolau vieram para apanhar os ossos de Héracles e não encontraram um só osso no lugar, eles assumiram que, de acordo com as palavras do oráculo, ele tinha se transferido do mundo dos homens para estar em companhia dos deuses. Estes homens, portanto, cumpriram as oferendas para a morte de Héracles como para um herói, e depois arremessaram um grande punhado de terra de volta Trácia. Seguindo o exemplo deles, Menécio, o filho de Actor e um amigo de Héracles, sacrificou um javali, um touro e um cordeiro para ele como para um herói, e comandou em cada ano que Héracles poderia receber os sacrifícios de honra para um herói. Muito das mesmas coisas foram feitas, dessa forma, pelos tebanos, mas os atenienses foram os primeiros de todos os outros homens a honrar Héracles com sacrifícios como para um deus, e todos os outros homens seguiram o exemplo dos atenienses de reverenciar Héracles como um deus. Eles levaram primeiro os outros gregos, e depois deles todos os homens de toda parte de todo mundo habitado, a honrar Héracles como a um deus (DIODORO, Livro IV, 38 e 39, Tradução nossa⁵).

Seguindo este exemplo, podemos notar que a rivalidade existente entre os atenienses (que se autoconsideram autóctones), com os peloponésios (que se apropriam da descendência de Héracles, ou seja, julgam-no descendente direto de Perseu, herói argivo), relaciona-se com a questão do culto divino de Héracles e com a questão da colonização empreendida pelos gregos na Sicília, questão esta a ser analisada em um outro artigo.

De acordo com Roland Martin, o problema essencial está colocado pela constatação de que, na Sicília, Héracles é honrado algumas vezes como deus, quando lhe são oferecidos sacrifícios olímpicos (Θύειν) e outras vezes como herói quando recebe os sacrifícios heroicos (εναγίζειν) (MARTIN, 1979). Não se pode colocar em dúvida o aspecto heroico de Héracles na Sicília, bem ilustrado tanto pelos textos como pela iconografia. Por exemplo, as métopas do templo G

5 Diodoro, Livro IV, 38 e 39: "After this, when the companions of lolaüs came to gather up the bones of Heracles and found not a single bone anywhere, they assumed that, in accordance with the words of the oracle, he had passed from among men into the company of the gods. These men, therefore, performed the offerings to the dead as to a hero, and after throwing up a great mound of earth returned to Trachis. Following their example Menoetius, the son of Actor and a friend of Heracles, sacrificed a boar and a bull and a ram to him as to a hero and commanded that each year in Opus Heracles should receive the sacrifices and honours of a hero. Much the same thing was likewise done by the Thebans, but the Athenians were the first of all other men to honour Heracles with sacrifices like as to a god, and by holding up as an example for all other men to follow their own reverence for the god they induced the Greeks first of all, and after them all men throughout the inhabited world, to honour Heracles as a god".

de Selinunte, comparadas com aquelas do Heraion de Poseidonia, representam temas idênticos: Hércules aparece lutando contra Gérion e tomando-lhe os bois que pertencem ao Sol. Assim, podemos supor que o rapto dos bois de Gérion se desenvolve preferencialmente no Ocidente grego. Também as estatuetas de bronze que atestam o caráter heroico de Hércules são numerosas: estatuetas em que Hércules é apresentado com seus atributos normais, símbolos de sua força, a pele de leão e a maça (MARTIN, 1979).

Martin também considera relevantes as evidências do culto de Hércules enquanto deus. Em seu estudo sobre Hércules no Ocidente grego, conclui, a partir de fontes arqueológicas, que o culto de Hércules-deus, na Sicília, antecede ao culto de Hércules-herói. Em suas próprias palavras: "Se nós considerarmos todo lugar onde o culto divino é implantado ao lado do culto heroico, é o primeiro que é considerado como o mais antigo" (MARTIN, 1979, p. 13). Mais à frente ele ratifica: "Dentro de todo o mundo Jônico, a presença do culto divino precede ao culto heroico" (MARTIN, 1979, p. 23). Para Martin a epigrafia e a iconografia confirmam as observações de Diodoro sobre a divinização de Hércules na Sicília. Em Selinunte ele é colocado na categoria dos grandes deuses, na inscrição do templo G, ele está entre aqueles que ofereceram constante proteção aos selinuntinos, juntamente com Zeus, Hera, as Maloforoi, etc (MARTIN, 1979, p. 11). Em Poggioreale, região periférica de Selinunte, seu santuário se ergue nos limites dos territórios das cidades rivais, Selinunte e Segesta, e testemunha a importância de seu apoio, dentro do papel que os deuses jogam nas relações dessas cidades. Conforme a tradição lendária de que reclamam os segestanos, Segesta em face de ter acolhido os troianos, que foram expulsos de sua cidade, ofertaram-lhes asilo enquanto eles seguiam sua rota em direção à Roma. Os selinuntinos, aparentados com os argivos, fundadores de Mégara, não consentiram um culto de primeira importância à Hera, a primeira, sem dúvida, a se instalar na zona sagrada de Marinella, sobre a colina oriental de Selinunte. Com este exemplo, além de percebermos a função de Hércules enquanto deus protetor da cidade de Selinunte, percebemos que os conflitos que envolviam gregos e troianos no continente, assim como seus respectivos deuses, se estendiam para o horizonte das colônias gregas.

Referências

- BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*, Vol. III, Petrópolis, Vozes, 1990.
- BURKERT, W. *Religião Grega na época clássica e arcaica*. Lisboa, C. Gulbenkian, 1993.
- DIODORO SÍCULO. *The Library of Diodorus of Sicily*. III, IV e V. Tradução de C.H. Oldfather. Landres, Harvard University Press, 1976.
- DELCOURT, M. *Legendes et Cultes de Heres en Grece*. Paris, Presses Universitaires de France, 1942.
- ESTRABÃO. *Geography, Volume IV: Books 8-9*. Translated by Horace Leonard Jones. Loeb Classical Library 196. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927.
- FINLEY, M. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa, Presença, 1972.
- HERODOTO. *História*. II, 44; VI, 47. Tradução de J. Brito Broca. Estudo crítico de Vitor de Azevedo, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1982.
- HORA, Juliana Figueira da. *A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico: múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- KERENYI, C. The Moirai, Hekate and Other Pre-Olympian Deities. Em: *The Gods of the Greeks*. Londres, Biddies Ltd., 1979.
- MARTIN, R. Introduction à l'étude du culte d'Heracles en Sicile. Em: LEPORE, e outros, (erg.) *Recherches sur les Cultes Grecs en Occident*. Napoles, Cahiers du Centre Jean Berard, 1979: 11-17.
- NILSSON, M. P. *La Religion Populaire dans la Grece Antique*. Paris, Librairie Pion, 1954.
- PAUSÂNIAS. *Description de la Grece*. Livros II, IV, IX e X. Tradução de Jean Pouilloux. Comentários de François Hamoux. Paris, Les Belles Lettres, 1992.
- PÍNDARO. *Nemeas. Livro III*. Introducción, versión y notas de Rubén Bonifaz Nuño. Universidad Nacional Autónoma de México, 2002.
- PITZ, Z. La complexité d'Héraclès, entre Hérodote et les cultes de Thasos. *Kernos – revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique*, Vol. 29, 2016: 1-17.
- RIBEIRO JR., W.A. *Os bois de Gérion*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0039. Consulta: 05/01/2019.

RIBEIRO JR., W.A. *A apoteose de Héracles*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greeciantiga.org/img.asp?num=0777. Consulta: 22/02/2019.

STAFFORD, E. Héraklès: encore et toujours le problème du heros-theos. *Kernos – revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique*, Vol. 18, 2005: 391-406

VERBANCK-PIÉRARD, A. e Georgoudi, S. Le double culte d'Héraklès: légende ou réalité? In: A.- F. Laurens (ed.), *Entre hommes et dieux: le convive, le héros, le prophète*. Besançon and Paris: Belles Lettres, 1989, pp. 43-65.

WOODFORD, S. Cults of Heracles in Attica. Em: NITIEN, D. G. e outros (org.) *Studies presented to George N. A. Haufmann*, Fogg Art Museum. Verlag Philipp van Zahern, 1971: 211-225.